

## SIMPÓSIO AT009

### A LINGUAGEM UTILIZADA NOS LIVROS INFANTOJUVENIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTREITAMENTO DA RELAÇÃO ENTRE LEITOR E LITERATURA

SOUZA, Lana Karine de Santana Medeiros de  
Graduanda do curso de licenciatura em letras – habilitações  
português/espanhol e suas respectivas literaturas (UEMS)  
lanakmsouza@hotmail.com

SILVA, Marly Custódio da  
Professora Mestra (UEMS)  
mcsilva05@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo do artigo é demonstrar a importância de indicação de livros infantojuvenis aos leitores jovens, já que é observado que uma literatura apropriada, numa linguagem simples, contemporânea, fantasiosa e direta são os atrativos para reter e ampliar o público juvenil como leitores regulares, transformando seu saber e apreciação numa visão de mundo mais ampla, além de possivelmente torná-los tecedores textuais e legentes assíduos de literaturas mais complexas. O jovem quer ler seus sonhos e suas emoções numa linguagem de alcançável compreensão. Atento a este aspecto e na intenção de valorizar o tempo dedicado à literatura, o dever de um professor, e também dos pais, é entender que a leitura, além de ser uma maneira eficaz de entretenimento, pois o olhar infantojuvenil é insubordinado, é, também imprescindível na formação de um cidadão crítico. A literatura infantojuvenil tem entregado, pela via da linguagem, sua maior competência, o despertar apreciativo, por meio da construção interativa, fragmentada, cubista e associativa da história contada, oferecendo ao leitor alvo, o público infantojuvenil, uma grande aproximação à literatura mundial. A base teórica terá Adler (2001), Góes (1934), Bamberger (2007) e Pennac (1944). O método a ser utilizado será quantitativo, entre alunos do ensino fundamental de uma escola pública estadual. Aplicação de textos e/ou obras em linguagem rebuscada e outros em linguagem contemporânea, dos quais foram analisados as tendências e escolhas dos alunos. Os resultados demonstraram que a linguagem utilizada nos livros infantojuvenis contribui para o estreitamento da relação entre leitor e literatura.

**Palavras-chave:** Literatura; Infantojuvenil; Linguagem.

**Abstract:** The aim of this article is to demonstrate, through theories, experiences and professional reports, the importance of indicating children's books to young readers, since it has been observed that an appropriate literature, in a simple, contemporary, fanciful and direct language, has the attractions to retain and broaden the youth audience as regular readers, transforming their knowledge and appreciation into a broader worldview, and possibly making them textual weavers and assiduous readers of more complex literatures. The youngsters want to read their dreams and their emotions in a language of attainable comprehension. Attentive to this aspect and in order to value the time dedicated to literature, the duty of a good teacher, and also of the parents, is to understand that reading (be it comic books, sweet novels, witches' and vampires' stories, and or parallel dimensions), beside of being an effective way of entertainment, because the childish view is insubordinate, and it is also essential in the formation of a critical citizen. The literature of children and adolescents has delivered, through the use of language, its greater competence, the appreciative awakening, through the interactive, fragmented, cubist and associative construction of the story told, offering the target audience, the child and youth audience, a great approximation to world literature. The article will have as theoretical basis Adler (2001), Goés (1934), Bamberger (2007) and Pennac (1944). The method to be used will be quantitative, among middle and high school students of a state public school. Application of texts and or works in advanced language and others in contemporary language, from which the students' tendencies and choices are analyzed. Partial results already demonstrate that the language used in children's books contributes to the closer relationship between reader and literature.

**Keywords:** Literature; Young People; Language.

## Introdução

A proposta desta escrita é concatenar duas ideias a respeito da literatura infantojuvenil: uma traz a reflexão sobre qual gênero literário o jovem em geral, criança ou adolescente, quer ou se dispõe a ler, e a outra indaga a respeito de qual linguagem utilizada na literatura contemporânea melhor atenderia a essa ânsia ou aspiração.

Inicialmente, é preciso que os grupos sociais envolvidos e interessados na questão da leitura (família, sistema educacional, mercado editorial, escritores) analisem a situação atual, tanto das práticas de leitura quanto da importância dessas práticas na formação crítica, sociológica e humanística dos jovens.

Com o advento da pluralização das mídias digitais, constata-se que a facilidade de acesso à leitura vem aumentando a cada ano, ampliando, assim, o alcance dos leitores infantojuvenis a todo um sistema no qual, hoje, pode-se encontrar todo tipo de literatura. No entanto, há que se observar que devido a essa evidente velocidade no abarcamento da literatura infantojuvenil, gerou-se também leitores ávidos por discursos breves e imediatistas, fato que leva à necessidade de se adotar um novo olhar para este cenário que se descortina: a relação entre o jovem leitor e a nova literatura.

Diante destas considerações iniciais, é interessante refletir sobre como trabalhar obras clássicas e contemporâneas com um público um tanto insubordinado como o leitor infantojuvenil. Como incentivar à leitura? Como provocar o gosto por obras canônicas? Como desenvolver o interesse por literatura contemporânea?

É preciso discutir formas eficazes para que se atenda efetivamente a esse leitor. Que ele seja assistido em todas as bases da sociedade, de maneira lúdica, mas honesta, na intenção de se fazer emergir um cidadão consciente, crítico e humano. Uma vez que se constate a existência de uma categoria de leitores a serem prestigiados, há que se ter um sistema educacional preparado para atender a esta demanda. Este artigo trabalhará na demonstração da importância de uma linguagem literária específica a este coletivo, além de apresentar métodos teóricos, experiências e relatos profissionais que beneficia o afilamento entre leitor e literatura

## 1. Livro de casa faz milagre.

Uma missão quase impossível é fazer que um indivíduo adquira, da noite para o dia, o hábito da leitura. Essa prática requer tempo e, principalmente, estímulo desde cedo. É incontestável o melhor desenvolvimento das habilidades interpretativas e articuladoras de um jovem que tem a leitura como hábito quando comparadas com as de outro jovem que lê apenas esporadicamente ou que quase nunca lê. E não há como incentivar esse hábito de melhor maneira do que quando o estímulo vem de casa, da família, já nos primeiros anos de vida. Quando uma criança está inserida em um ambiente familiar onde os livros e a leitura estão sempre presentes, logo ela também introjetará esse hábito e dificilmente o perderá ao longo de sua vida.

“Ninguém se cura dessa metamorfose. Não se torna ileso de uma viagem dessas. A toda leitura preside, mesmo que seja inibido, o prazer de ler; e, por sua natureza mesma – essa fruição de alquimista-, o prazer de ler não teme imagem, mesmo televisual e mesmo sob a forma de avalanches cotidianas.” (PENNAC, 1992, p.43)

Se realmente existe uma fórmula ou prescrição a ser seguida pelos pais para a formação de um filho leitor (já que quase sempre esperam respostas prontas sobre a melhor forma de educar seus filhos) certamente seria a de ler com eles, para eles e para si mesmos. Mostrar a um filho, ou a qualquer outra criança que convive na mesma família, um cotidiano de leituras despertará, primeiramente, sua curiosidade, e na constância do hábito, ensinará que é por meio dessa prática que podemos adquirir momentos de prazer, entretenimento e reflexões, ensinamentos que se enraizarão na formação deste indivíduo por toda sua vida. É claro que há diferentes formas de estímulos, como por exemplo, uma avó contar uma história para seus netos por intermédio de um livro do século passado (sua oralidade e reflexões se adequarão naturalmente às necessidades da idade e capacidade intelectuais de seus pequenos, sendo que muito provavelmente, o mesmo sentido não teria, se um dos netos fizesse a leitura do mesmo livro, sozinho, sem as nuances e temperos da linguagem

falada). Por isso é tão importante a linguagem adequada como estímulo, não importando a história contada, desde que esta esteja numa linguagem que acorde com a possibilidade de interpretação de uma faixa etária específica. Pode-se compreender melhor esta afirmativa no eloquente livro *A interação pela linguagem* (KOCH, 1993, p.78), sendo “[...] a escrita formal e a fala informal constituem os polos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os diversos tipos de interação verbal”, ainda destaca a característica da interação face a face.

“[...] o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo-interativa e que têm, portanto, justificativas pragmáticas”. (KOCH, 1993, p.78).

Quando se há livros em casa, apequena-se as fronteiras do mundo, quando se tira o livro da prateleira e o lê, abre-se a janela para vida e se houver crianças deslumbrando essas cenas, todo um universo especulativo formará para este pequeno cidadão.

## 2. Sala de aula é lugar de leitura

Como despertar dentro de sala de aula o interesse de trinta, quarenta crianças ou adolescentes para a leitura, quando são estes os principais atuantes da era digital, da geração imediatista, símbolos do “quero agora”? Responder a esta pergunta requer conhecimento das aspirações destes alunos e, principalmente, entender e aprender com a contemporaneidade.

Hoje não se entende mais a biblioteca como o lugar do saber, das descobertas e do encantamento, como acontecia em décadas passadas. Fácil de se constatar esta afirmação quando se adentra uma biblioteca escolar, principalmente as públicas. Muitas, senão a maioria delas, viraram depósitos de livros velhos, de doações desimportantes, amontoados de livros desorganizados e, muitas vezes, sem nenhum zelo da gestão educacional ou de funcionários capacitados para torná-la um lugar de acolhimento (mas citar

este fator é somente para justificarmos um dos porquês de uma biblioteca escolar não ser um lugar de visitas constantes do corpo discente e nem mesmo docente de uma escola).

“A biblioteca deveria, pois, ser um lugar de intercâmbio, troca, informação, integração na comunidade [...]. É princípio das bibliotecas proporem atividades bem diversas, porém essas atividades só devem existir se derivarem de uma relação com o livro.” (GÓES, 2010, p.55)

Portanto, como trabalhar a leitura com estes alunos? Como instigá-los a ler uma obra completa, sem ter acesso às bibliotecas, sem se ocuparem a ler resenhas, preencher fichas de interpretações ou se martirizarem com provas sobre a data que o autor nasceu? Como fazer com que um aluno, sendo ele criança ou adolescente, leia? Lendo em sala de aula! E mais... lendo numa linguagem que ele se identifique e se veja capaz de ler também.

Recentemente, a FIFE (Instituto de Pesquisas Econômicas) realizou uma pesquisa na qual se constatou que os livros infantojuvenis permanecem como um dos líderes de produção de obras nacionais, sendo tais dados positivos, ainda que a mesma pesquisa tenha também verificado que houve uma queda no faturamento editorial brasileiro em 2017. Este fator sugere que há público e há interesse do mercado brasileiro pela literatura infantojuvenil, portanto, é preciso perspicácia por parte do professor em se capacitar para compreender a realidade dos novos candidatos a leitores, para entender a necessidade de valorizar o tempo em sala de aula, de modo a apresentar obras realmente interessantes e próximas a essas faixas etárias.

Há que se ter em mente que um dos grandes enfrentamentos de um professor que está disposto a praticar a leitura em sala de aula é o de saber escolher obras ricas em temas infantojuvenis, que apresentem uma linguagem com frescor estético, que surpreendam, cativem e façam o elo entre aluno e a leitura.

“Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolver esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler.” (BAMBERGER, 1988, P.32).



O professor pode, mediante critérios de capacitação, instrumentalizar seus alunos, inculcando-os a apreciação pela arte literária, fortalecendo assim, suas bases educacionais. No entanto, este mesmo professor, precisa primeiramente, amar literatura e convencer a si mesma da importância que ela tem para o desenvolvimento sócio-humanístico de uma nação.

### **3. Escolhas às cegas: A linguagem que acolhe.**

Com o auxílio do projeto PIBID, foi realizada na Escola Estadual Sebastião Santana de Oliveira, situada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na rua Armando Holanda, 318 - bairro José Abrão, CEP 79114-050, uma pesquisa quantitativa na qual foram entrevistados trinta e seis alunos do 7º ano A, na tutoria da professora titular Nerilda Bernardo de Língua Portuguesa.

O intuito da pesquisa realizada foi o de levantar dados que demonstrassem se aqueles alunos teriam ou não o gosto pela leitura e o porquê. Como método, foram aleatoriamente selecionados por amostragem, seis alunos, aos quais, individualmente, foram apresentados seis livros, todos encapados com papel “craft” (para descaracterizar o gênero e a capa) e numerados de A a F. Em seguida, foi proposto a cada aluno que, dentro do prazo de dez minutos, escolhessem *o livro que mais lhes agradassem e que provavelmente seria escolhido para uma leitura futura*. Os motivos que fundamentaram a escolha foram explicados oral e individualmente.

Primeiramente, foi explicado à turma sobre a pesquisa e entregue a todos um questionário (*imagem 1, própria autoria*) a fim de compreender melhor o interesse pela literatura.

Obras apresentadas aos alunos:

*Imagem 2 (identificação das obras)*

*Imagem 3 (obras encapadas)*

*Ambas imagens de própria autoria.*

*Livro A: **Diário de um Banana**, um romance em quadrinhos, Jeff Kinney. São Paulo, 2008: Editora Vergara e Ribas.*

*Livro B: **Chapadão do Bugre**, Mário Palmério. Rio de Janeiro, 1994: Editora Ediouro.*

*Livro C: **A parte que falta**, Shel Silverstein. São Paulo, 2018: Editora Companhia das Letrinhas.*

*Livro D: **Dom Quixote**, Miguel de Cervantes. Tradução e adaptação Lígia Cademartori. São Paulo, 2013: Editora FTD.*

*Livro E: **Harry Potter e a pedra filosofal**, J. K. Rowling. Rio de Janeiro, 2000: Editora Rocco.*

*Livro F: **A rosa do povo**, Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, 2005: Editora Record.*

Resultado:

Aluno 1: Escolha: Livro E. Motivo: Reconheceu a história e assistiu ao filme.

Aluno 2: Escolha: Livro E. Motivo: Reconheceu a história e tem curiosidade em ler o livro.

Aluno 3: Escolha: Livro A. Motivo: Reconheceu a história devido o comentário que um primo fez sobre o filme que assistiu. Prefere ver o filme antes de ler o livro.

Aluno 4: Escolha: Livro D. Motivo: Se interessou pela leitura pois parece ser um livro de aventuras, gênero literário que relatou costumeiramente gostar, além de ter reconhecido o nome “Dom Quixote”.

Aluno 5: Escolha: Livro A. Motivo: Reconheceu a obra e disse que gostaria de lê-la pelo motivo de ter apreciado o filme.

Aluno 6: Livro A. Motivo: Reconheceu a história assistida em filme.



A pesquisa foi realizada em um único dia (período vespertino), previamente autorizada pela professora titular e a coordenação pedagógica da escola. Somente na sala da turma 7º A ocorreu a aplicação da pesquisa. Todos os alunos presentes responderam ao questionário.

*Imagem 1*

Escola Estadual Sebastião Santana de Oliveira  
PIBID – UEMS (ano 2019)

Data: \_\_\_\_\_

Aluno(a): \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_

▪ Por gentileza, responda com atenção as perguntas a seguir:

✓ Você gosta de ler? \_\_\_\_\_  
Porque? \_\_\_\_\_

✓ Você já leu algum livro? \_\_\_\_\_  
Qual? \_\_\_\_\_

✓ Tem curiosidade em ler alguma obra literária? \_\_\_\_\_  
Qual? \_\_\_\_\_

✓ O que você sonha SER quando for adulto? \_\_\_\_\_

✓ Você acreditar que a leitura possa contribuir para que este seu sonho se realize? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Obrigada pelas respostas!*



*Imagem 2*



*Imagem 3*

#### 4. Santas adaptações.

Ao lado da constatação a que se chega de que os livros propostos ao público infantojuvenil devem ter uma linguagem apropriada a esse tipo de leitor, está, também, a percepção das não poucas dificuldades enfrentadas pelo jovem leitor, desde os séculos passados, para entender as “difíceis” e/ou “estranhas” expressões de obras clássicas. Desse fato decorreu o surgimento de um processo de “ajuste de linguagem”, que são as obras adaptadas. “[...] etimologicamente, portanto, adaptar uma obra literária significa ajustá-la para um determinado público leitor”. (LITERATURA conhecimento prático, ano 8, p.20)

Como exemplo, menciona-se as adaptações dos alemães “Os irmãos Grimm” (Cinderela, Rapunzel, Chapeuzinho vermelho) que por terem sido filólogos, objetivaram transcrever contos orais da tradição europeia para obras de língua e cultura alemã. Eles não viajaram pelas zonas rurais da Alemanha atrás de contos, pois, como eram estudiosos da língua, trabalharam na construção dos textos com origem nos folclores e contos do senso comum, adequando-os ao espaço doméstico, ao efeito artístico e à faixa etária infantojuvenil da classe que lia na época, a classe média burguesa, sem alterar enredos ou criar novos personagens, afirma a professora e pesquisadora da Unesp de Araraquara, doutora em literatura alemã, Karin Volobuef, em artigo publicado na revista Carta Capital.

“[...] os Grimm realizaram diversas mudanças: expandiram o tamanho de descrições, buscando torná-las mais vívidas e cativantes; substituíram os discursos indiretos (fala do narrador) pelo direto (fala dos personagens); reduziram as orações subordinadas, simplificando assim os períodos que antes estavam longos demais; subtraíram repetições inúteis e expressões desajeitadas; adaptaram a expressão em dialeto, passando-a para o alemão padrão”. (VOLUBUEF,2013, p.21)

As adaptações representam uma maneira eloquente de apresentar ao jovem a literatura clássica, entregando uma apresentação coesa do contexto literário que se quer demonstrar, acreditando assim, no despertar destes jovens para a obra original, já que o primeiro passo se é dado com a leitura das adaptações. Deve-se entender que apresentar uma obra clássica adaptada e

linguisticamente acomodada ao público infantojuvenil não é desmerecer ou inutilizar a obra original, e sim, facilitar o ingresso do jovem leitor no mundo das obras de arte literárias, algo primordial dentro de uma sociedade a qual necessita da expansão do número e da qualidade de leituras engendradas pelo público infantojuvenil.

### **Considerações finais**

Propiciar aos jovens várias maneiras interativas de manter contato com obras literárias como nas fanfics, os booktubers, os blogs, os aplicativos, as redes sociais especializadas, as adaptações, as obras indicativas, sendo sempre com acesso ilimitado. Disponibilizar subsídios adequados para que o público infantojuvenil se aproprie da literatura mundial, como forma de lazer e entretenimento, conduzindo-os a um crescimento socio-crítico, além de produzir capacidade de inter-relações cognitivas dentro de sua própria comunidade.

Desenvolver competências de leitura e escrita é tarefa de todos. No entanto, a formação de leitores proficientes se desenvolve por meio do encantamento, sendo este, aguçado na identificação do indivíduo com a história contada. Não há outra maneira de apresentar a literatura e estreitar estes laços que não seja por intermédio de uma linguagem apropriada, esteticamente coerente e confortável, considerando sempre a apreciação do leitor.

### **Referências**

ADLER, Mortimer. **Como ler livros**, São Paulo: É realizações editora, 1972.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**, São Paulo: Editora Ática, 2004.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**, São Paulo: Editora Paulinas, 20010.

Koch, Ingedore. **A inter-Ação pela linguagem**, São Paulo: Editora Contexto, 1993.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

RESPONSABILIDADE ética e estética. **Revista Literatura conhecimento prático**, São Paulo: Editora Scala, ano 8, edição 77.